
Ambiência, produção de presença e epifania no uso da realidade virtual em “A biblioteca à noite”, de Robert Lepage, a partir de Alberto Manguel¹

Denise Costa Lopes²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

RESUMO

A experiência tridimensional imersiva proporcionada pela exposição *A biblioteca à noite* foi uma das mais bem sucedidas dos últimos tempos. O uso da realidade virtual potencializou indagações de Hans Ulrich Gumbrecht acerca da função da literatura hoje e de como sua materialidade histórica pode criar efeitos de presença, ambiências e epifanias capazes de nos restituir a sensação de estarmos-no-mundo. Ao utilizar a tecnologia a serviço de uma nova forma de aproximação e prolongamento da vida das bibliotecas, o projeto problematizou nossa atual relação com os livros e seus processos de salvaguarda e disseminação diante da escalada dos medias digitais. Conferiu também outra serventia às formas virtuais: engendrar experiências estéticas capazes de colocar a arte digital como produtora de verdade a fim de presentificar mundos passados e imaginários, demonstrando bom uso da imersão em 3D 360°.

PALAVRAS-CHAVE

realidade virtual; ambiência; efeitos de presença; Gumbrecht; Alberto Manguel

INTRODUÇÃO

Baseada na obra literária homônima do bibliófilo, escritor, tradutor e ensaísta argentino e cidadão canadense Alberto Manguel, a exposição *A biblioteca à noite* viajou pelo mundo a partir de 2016. Nela, eram apresentadas uma réplica material de parte da biblioteca do escritor que existiu no sul da França e de dez outras, de épocas e culturas diferentes em 3D 360°. Criadas pelo multiartista canadense Robert Lepage, as instalações reais e virtuais colocavam os espectadores imgeticamente dentro do livro de Manguel, povoado de histórias de bibliotecas. Ancestrais, como a de um templo budista de Kamakura-Hase-Dera no Japão, modernas, como a em estrutura modular da Cidade do México, perdidas no tempo, como a de Copenhague, destruídas por bombardeios, como a de Sarajevo, extintas pelo fogo e reconstruídas simbolicamente como a de Alexandria, ou mesmo imaginárias, como a do capitão Nemo de *Vinte mil léguas submarinas*, de Jules

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ e Professora nos Cursos de Cinema e Arte & Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Verne, as dez bibliotecas do *tour* virtual eram ‘visitadas’ por uma escolha interativa que vinha acompanhada de mistérios e surpresas. Como os livros escolhidos aleatoriamente nas estantes de uma biblioteca, a seleção da biblioteca a se entrar virtualmente também previa o inesperado e o acaso.



Figuras 1 e 2 – A biblioteca budista de Hase-Dera e o efeito fantasmagórico criado para a biblioteca de Copenhague, sem cadastro, onde os livros não podem mais ser consultados.

As narrativas que se ouviam nas ‘visitas’ misturavam fatos reais e ficcionais, como a materializar imagens construídas mentalmente pelos leitores da obra de Manguel, só que com os pés estendidos pelo 3D 360° para fora do chão. A partir de uma ambiência criada virtualmente, as bibliotecas ocupavam um espaço tangível ao dos corpos do público como numa extensão imagética do livro e eram apreendidas por meio de uma experiência vivida que, apesar de virtual, devolvia a sensação paradoxal de fazermos parte do mundo físico das bibliotecas, da escritura de Manguel e das histórias por ele narradas.

Pensar a experiência estética proporcionada pela exposição em associação ao pensamento do teórico literário Hans Ulrich Gumbrecht acerca da função da literatura hoje e de como sua materialidade histórica pode gerar efeitos de presença, ambiências e epifanias capazes de nos restituir a sensação de estarmos-no-mundo pode parecer ousado, mas trazer importante contribuição para a compreensão do potencial apenas vislumbrado pela tecnologia digital. Pois ao presentificar mundos passados e imaginários e conferir nova existência e função às bibliotecas, bem como aos saberes, histórias, memórias e obras armazenados por estas, a prática imersiva criada em 3D 360° colocou a arte digital como produtora de ‘verdade’, criando uma nova forma de aproximação e prolongamento da vida das bibliotecas que pode vir a ser útil ao próprio futuro destas.

O projeto, que demonstrou bom uso da prática virtual imersiva, chamou a atenção para os problemas que envolvem a nossa atual relação com o ato de ler, os livros e seus processos de salvaguarda e disseminação diante da escalada dos medias digitais, e destinou nova serventia às formas virtuais: trabalhar latências, temporalidades e manifestações de presença, ambiências e sensações em contextos distintos que podem ir muito além da dimensão material de nossas vidas.

A EXPOSIÇÃO E SUAS AMBIÊNCIAS

A ideia da exposição surgiu em 2015, quando Manguel encaixotou sua biblioteca com cerca de 40 mil livros, abrigada durante 15 anos num antigo prebistério medieval em Mondion, no Vale do Loire, na França, e a levou para o Canadá. A Biblioteca e Arquivo Nacional do Québec convidou Manguel para expor seu acervo no aniversário da instituição, mas o bibliófilo sugeriu em contrapartida uma exposição baseada no seu livro, que traz uma coletânea de histórias de bibliotecas dividida em 15 ensaios temáticos que versam sobre mito, ordem, espaço, poder, acaso, esquecimento, imaginação, entre outros. Lepage foi convidado para o projeto e a exposição abriu em janeiro de 2016, em comemoração ao décimo ano da Biblioteca do Québec. Dessa data em diante, ela percorreu o mundo até chegar ao Brasil em fevereiro de 2020.

Na exposição, o visitante entrava primeiro numa espécie de réplica da biblioteca erguida por Manguel no sul da França. Com iluminação noturna, o usuário era ambientado ao mundo do sonho e da imaginação que seria potencializado pela imersão virtual. Nessa sala, uma réplica do quadro *The little tower of Babel* (c.1954), de Pieter Bruegel, o Velho, indicava a correlação pretendida entre os espaços das bibliotecas e esse outro mítico de transcendência, encontro e multiplicação de línguas, saberes e culturas, numa espécie de citação do conto *A biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges, de quem Manguel foi pupilo e leitor por quatro anos durante a cegueira deste, e de seu próprio livro que opõe a Torre, como um mundo sem divisões linguísticas, à Biblioteca de Alexandria, mãe de todas bibliotecas e repleta de variedades.



Figuras 3 e 4 – Réplica da obra *The little tower of Babel* (1954), 60 x 75 cm, Museum Boijmans Van Beuningen, Rotterdam, de Pieter Bruegel, exposta na simulação da biblioteca de Maguel, na entrada da exposição, que trazia outros objetos ligados à literature e ao saber.

Variedade essa presente no passeio virtual. Afinal, “à noite (...) a atmosfera é outra (...) O tempo parece mais próximo daquele momento a meio caminho entre a vigília e o sono, quando o mundo pode ser confortavelmente reimaginado” (MANGUEL, 2016, p.24). Após essa ambiência inicial, o visitante ingressava numa espécie de floresta, onde livros pareciam brotar das árvores em fileiras, numa analogia às fileiras das estantes das bibliotecas. Ali, ele se sentava em mesas que lembravam as da biblioteca parisiense de Sainte-Geneviève, uma das dez visitadas virtualmente, e começava sua viagem pelas histórias das bibliotecas narradas pela própria voz de Manguel.

A experiência tridimensional imersiva proporcionada pela exposição foi uma das mais bem sucedidas nos últimos tempos. Durante todo o tempo da sua itinerância, que durou mais de cinco anos, a biblioteca de Manguel esteve encaixotada no Québec. Em setembro de 2020, ele finalmente anunciou o destino de seus mais de 40 mil exemplares: o futuro Centro de Estudos da História da Leitura (CEHL), no Palacete dos Marqueses de Pombal, em Lisboa, do qual será o dirigente. Ato que parece ecoar o pensamento de Gumbrecht para quem “o futuro da presença necessita do nosso comprometimento presente” (2010, p.163).



Figura 5 – Local da imersão em 3D 360° da exposição com as árvores de livros e mesas imitando as da Biblioteca de Sainte-Geneviève de Paris do século XIX.

AS BIBLIOTECAS ‘VISITADAS’ COMO PARTILHAS DO SENSÍVEL

Além das já citadas acima, a lista das bibliotecas incluía a da Abadia de Admont, na Áustria, a do Parlamento de Ottawa, no Canadá, e a do Congresso Americano, em Washington, nos EUA. Ao nos colocar dentro dessas bibliotecas reais, extintas ou imaginárias, a experiência virtual criou pontes com *imagens sobreviventes* (Didi-Huberman), latentes, onde memórias, sombras, vultos, vestígios, ruínas retornaram como potentes traduções de períodos longínquos. O pensamento de Aby Warburg e seu *Atlas Mnemosyne* são outras referências importantes na estrutura criada por Lepage e Manguel, que discorre no livro também sobre a biblioteca do grande historiador da arte.

Ao promover intervenções criativas na exposição dos espaços concretos das bibliotecas, a exposição criou, entre gesto e *mise-en-scène*, presença e sentido, um liminar tensional que duplicava e ampliava a realidade destas, suscitando novas produções de significações e afetos. Compartilhou assim uma realidade sensível criada pelo virtual que conferia materialidade a espaços e momentos que retornavam do passado e tangenciavam os corpos dos participantes, promovendo uma ‘partilha do sensível’ (Rancière) por meio da tecnologia digital.

A exposição refez fatos marcantes dessas bibliotecas, totalmente reais ou não, mas presentes no inconsciente coletivo da humanidade, como as célebres apresentações de um renomado violoncelista nos dias que se seguiram à destruição da Biblioteca Nacional de

Sarajevo durante o cerco à cidade em 1992, que durou quatro anos, e o incêndio que teria exterminado a mítica Biblioteca de Alexandria, um dos maiores centros de produção de conhecimento da Antiguidade erguida no fim do século III a.C no reinado Ptolemaico do Antigo Egito. Criou assim ambiências potentes que podem ser lidas como os processos descritos por Gumbrecht acerca do que tenta conceituar como *Stimmung*.



Figura 6 – Simulação do fogo que consumiu os papiros na lendária Biblioteca de Alexandria, que por muitos séculos foi um dos maiores centro de conhecimento da Antiguidade.



Figuras 7 e 8 – O violoncelista colocado dentro da Biblioteca Nacional de Sarajevo destruída após seu bombardeio em 1992 durante o cerco à cidade.

Se para Nietzsche, o termo designava “memórias e intuições das fases primordiais da existência humana” (GUMBRECHT, 2014, p.18) e, para Heidegger, “ambientes e atmosferas variados – em constante mutação” (id., 19), para Gumbrecht, ele é um modelo de interpretação literária capaz de validar “uma ausência da distinção entre a experiência

estética e a experiência histórica” (id., 26). Definição que se aplica à experiência estética da exposição que trabalhou para apagar essa diferenciação, em especial em algumas ‘visitas’.

A ‘visita’ à biblioteca mãe de todas as bibliotecas, nascida do desejo dos primeiros faraós ptolomaicos de reunir todo o saber escrito existente, é um desses exemplos. Ela terminava com um sobrevoo da nova biblioteca de Alexandria, inaugurada em 2002, no lugar supostamente ocupado pelo primeiro prédio desta. Para chegar até essa reencarnação da biblioteca de Alexandria, o usuário era transportado pelo espaço sideral, como se atravessasse no tempo de tantos séculos que separam as duas versões erguidas, criando assim uma ponte entre esses dois momentos tão distantes de forma indiferenciada.



Figuras 9 – A nova Biblioteca de Alexandria, construída no suposto lugar onde a primeira existiu.

Na Biblioteca da Universidade de Copenhague, construída em 1855, em estilo neogótico, o expectador vivenciava a experiência de estar ali como um fantasma. Os livros dessa biblioteca perderam suas classificações com o passar dos tempos, não se encontram mais catalogados e por isso não podem ser mais consultados. Se trata de uma biblioteca morta, de uma época passada, composta de livros sem endereços, perdidos em prateleiras. Ao nos transportar até seus corredores, usados hoje somente como local de estudo hoje, sentimos o peso da sua beleza estética e acústica, seu valor patrimonial e sua grandiosidade embalsamada.

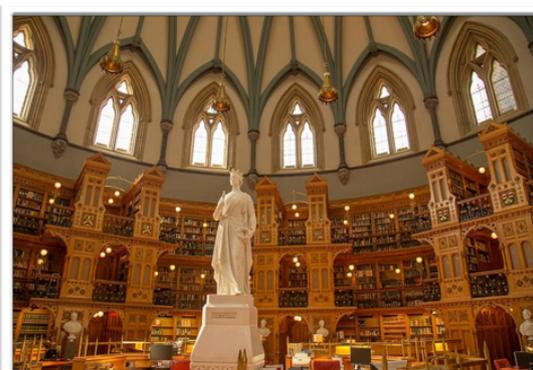
Em cada ‘visita’, uma emoção e uma experiência estética diferenciada. Na maior biblioteca monástica do mundo, construída no Iluminismo, a Biblioteca da Abadia de

Admont, na Áustria, as quatro esculturas conhecidas como “As quatro últimas coisas”, que encarnam a morte, o juízo final, o inferno e o paraíso, repleta de livros sobre ciência e filosofia, enxergamos monges andando pelo lugar folheando antigas bíblias, enquanto o texto nos fala sobre os designs e os arbítrios da vida na terra.



Figuras 10 e 11 – As bibliotecas de Admont, na Áustria, com suas estátuas, e a de Sainte-Geneviève, em Paris, com suas luzes.

Na biblioteca do Templo de Hase-Dera, do século XVI, nas montanhas de Kamakura, no Japão, experienciamos o rinzo, uma imensa prateleira giratória que abriga os escritos dos monges copistas e que ao rodar promove o tilintar de sinos fixados a ela, como forma de espantar os maus espíritos e chamar atenção para a transmissão da palavra de Buda ali contida. Enquanto na de Sainte-Geneviève, em Paris, somos colocados num espetáculo de luz para lembrar que foi ali que graças ao uso da iluminação a gás, o seu horário de funcionamento pode ser estendido para bem além do que era permitido pela luz natural do sol. A imagem de suas mesas com seus abajures verdes norteia a estética do espaço onde os usuários ‘viajam’ com seus óculos em 3D pelas dez bibliotecas.



Figuras 12 e 13 – As bibliotecas de Ottawa e de Washington, com suas estruturas circulares e austeras.

Na Biblioteca do Parlamento de Ottawa, em estilo vitoriano, especializada em documentos legais, um livro com desenhos de pássaros é aberto e eles voam pelo espaço

austero que tem no centro uma estátua da rainha Vitória. Já na imersão na Biblioteca do Congresso Americano, em Washington, enxergamos a cidade num efeito de 360º a partir das janelas circulares do ambiente panóptico, que coloca o leitor sob olhar dos bibliotecários que ali trabalham numa estrutura central.



Figura 14 e 15 – A biblioteca do México com sua estrutura modular em arca, contra abalos sísmicos.

A única biblioteca moderna do passeio é a de Vasconcelos, na Cidade do México. Construída no leito de um lago seco, em módulos para desmontar sem riscos em caso de abalos sísmicos, tem o formato de uma enorme arca, onde livros, prateleiras e conhecimento flutuam no espaço, e à qual as pessoas podem se agarrar em caso de terremoto, ou, quem sabe, dilúvio.

Mas de todas as bibliotecas ‘visitadas’, a do Nautilus de Verne, de quem Manguel foi um voraz leitor quando jovem, pareceu a mais impactante. Se ver dentro das ilustrações da biblioteca impressas em *Vinte mil léguas submarinas*, foi uma das sensações mais inesquecíveis da exposição. Como Aronnax, prisioneiro do submarino, ficamos ali imersos e fascinados pelo esplendor da biblioteca do capitão Nemo, que dizia ter 12 mil obras de ciência, moral e literatura, escritas em múltiplas línguas.



Figura 16 – A biblioteca do Nautilus do capitão Nemo inspirada nas ilustrações de *Vinte mil léguas submarinas*, de Jules Verne, com o polvo e seus mais de 12 mil títulos em várias línguas.

A propriedade do digital na produção de todos esses imaginários presentes na exposição lembra a teoria de Gumbrecht, para quem o que mais interessa são os ambientes e atmosferas sugeridos pela literatura como formas de ‘vida’ que encerram substâncias físicas e permitem ao leitor encontrar realidades do passado, presente e apenas imaginadas a fim de criar atmosferas e ambientes que nos toquem afetivamente ‘por dentro’.

STIMMUNG, PRODUÇÃO DE PRESENÇA E EPIFANIA

Gumbrecht diz que seu objetivo não é procurar por possibilidades de existência desaparecidas, mas “seguir as configurações da atmosfera e do ambiente, de modo a encontrar, em formas intensas e íntimas, a alteridade.” (id., p.23). Estabelecer uma analogia entre esse desejo e as construções formuladas por Lepage e Manguel parece salutar a fim de contribuir para o alargamento das teorias analíticas dos recursos das mídias digitais.

Para ele, “a ânsia pelo ambiente e pela atmosfera é uma ânsia pela ‘presença’” (id., p.32) e pressupõe o prazer de lidar com um passado cultural, objetivo primordial de Manguel que, em sua obra, percorre de alguma forma a história da civilização gráfica. A noção de presença, entendida pelo teórico como nossa relação espacial com o mundo e seus objetos, na qual o potencial da experiência estética reside na possibilidade de

concretude e na história imediata que ela é capaz de suscitar, pode se aplicar aos efeitos criados na exposição. Pois as coisas, segundo Gumbrecht, existem na relação necessária com nossos corpos, na qual podemos tocar ou não os objetos, tal como no virtual.

A imersão em 3D 360°, que operou um “passado-feito-presente” carregado de efeitos de sentido e presença, estaria assim nessa imediatez da experiência de “presentes passados” que ocorrem “sem que seja necessário compreender o sentido das atmosferas e dos ambientes” (id., p.25) ou entendê-los como um sinal do passado ou de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Gumbrecht, a experiência estética, entendida como *momentos de intensidade* e de *experiência vivida*, que possibilitam simultaneamente *efeitos de sentido e presença*, pode nos ajudar a recuperar a dimensão espacial e corpórea de nossa existência e nos devolver a sensação de estarmos-no-mundo, no sentido de fazermos parte de um mundo físico de coisas, proporcionando epifanias, capazes de nos conduzir a alguma verdade fundadora.

Em *Produção de presença*, ele discorre sobre a experiência estética para Heidegger, para quem, segundo ele, a arte “é o surgir e o acontecer da verdade”. Algo que parece surgir do nada, mas que encerra substância e forma numa “dimensão espacial”. Sua citação sobre a passagem do templo grego em *A origem da obra de arte*, de Heidegger, talvez nos possa ajudar a entender o tipo de produção de ‘verdade’ engendrada pela realidade virtual:

As firmes torres do templo tornam visível o invisível espaço do ar. A solidez da obra contrasta com a emergência da espuma, e a sua quietude revela a ira do mar. Árvore e grama, águia e touro, cobra e grilo começam por entrar nas suas formas distintas e parecer o que são. Os gregos chamavam *phusis* essa emergência e esse surgimento em si mesmo e em todas as coisas. (GUMBRECHT, 2010, p.142)

Pois o acontecimento da verdade para Heidegger seria, segundo Gumbrecht, “como um evento que nos faz ver as coisas de ‘um modo diferente do habitual’ (...) e esse modo ‘diferente’ associado ao ‘nada’, isto é, a uma dimensão de onde estão ausentes todas as distinções culturais” (id., 98) confere uma situação que talvez possamos relacionar à ‘verdade’ criada nas imersões virtuais.

Ao ressuscitar bibliotecas extintas, materializar histórias fictícias e acontecimentos passados, e nos conduzir a lugares longínquos, inexistentes e imaginários,

a exposição fez emergir novos parâmetros na arte digital, sugerindo potencialidades apenas arranhadas por esses novos meios. A exposição, que nos transportou para dentro do vasto mundo que as bibliotecas encerram, promovendo uma reflexão sobre a sobrevivência do livro impresso e das bibliotecas, provou que recursos tecnológicos artificiais podem auxiliar na sensibilização de inventários sentimentais, como o criado por Manguel, e contribuir para uma melhor relação entre o mundo analógico e digital.

REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. A biblioteca de Babel. In **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANFORA, L. **A biblioteca desaparecida**: histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-Rio, 2010.

_____. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**; sobre o potencial oculto na literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-Rio, 2014.

MANGUEL, A. **A biblioteca à noite**. Lisboa: Edições Tinta da China, 2016.

RANCIÈRE, J. **A patilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.